

A black and white photograph of a man with dark hair, wearing a light-colored striped shirt and light-colored trousers, standing behind vertical metal bars. He is looking towards the camera with a serious expression. The background is dark and indistinct.

ALBERTO registro(s) de viver PIMENTA

21 JANEIRO A 1 MARÇO 2014



Perve
Galeria



Alfama



Afrikanische Mythologie, técnica mista s/ papel, 27x20 cm 1961, Coleção Adelina Novais
(Uma das obras de Alberto Pimenta que figurou na exposição colectiva
em 1961 em Heidelberg, Alemanha) - ALP192

Julgo que quem quer que faça objectos de arte – com imagens, palavras, ou o que seja – esgota em cada um deles, de cada vez, tudo o que tinha para dizer, muito ou pouco, interessante ou menos, novo ou nem tanto.

Qualquer acrescento, em termos de análise interpretativa, é um sobejo, e para mais limitativo da liberdade individual de interpretação.

Outros que o façam – para si, ou uns para os outros – dizendo como lhes chegou a eles o que ali está, ao lê-lo ou ao vê-lo. É o que naturalmente fazem de tudo o que lhes chega de fora, seja discurso muito inflamado, ou frio e astronómico, sobre bolas rolantes, ou seja então político, sobre bolas que não rolam, só orbitam como a lua.

Alberto Pimenta



sem título, técnica mista s/ papel, 24x31 cm 1963, Coleção Adelina Novais
(Uma das obras de Alberto Pimenta que figurou na exposição colectiva
em 1961 em Heidelberg, Alemanha) - ALP193



Faoda do lar, colagem, 20x29 cm 1989, Coleção Adelina Novais ALP194



Obra realizada em 1980 em Coimbra, a propósito da reintrodução da praxe académica. "A.O.S (António Oliveira Salazar) aos estudantes de Coimbra...", o autor assinala o facto de os estudantes, através dos rituais da praxe, manterem o estado de "isto dantes". Poema colagem, 43x30 cm, 1980, Coleção Cristina e José Manuel Vieira - ALP197



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel,
42x29,5 cm 1990/4 - ALPOB105



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel,
42x29,5 cm 1990/4 - ALPOB106



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB108



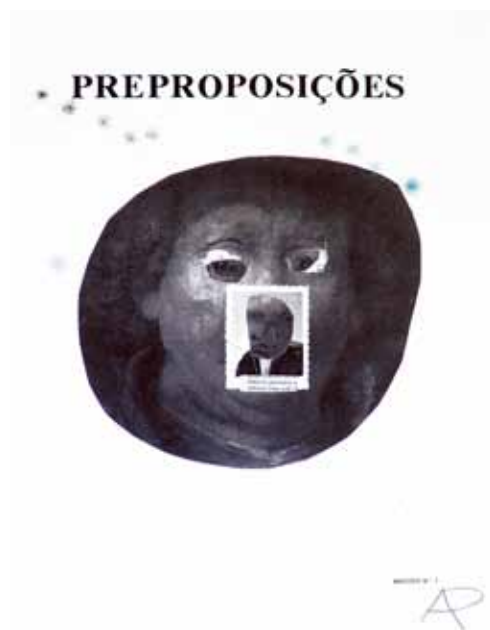
Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB107



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB104



Poema "diálogo", 1977, com intervenção de pingos de cera, 32x22 cm 2010 - ALP202



Preproposições, colagem com discreta intervenção de pingos de cera, 32x22 cm 1986/2010 - ALP219

EPIGRAMA XXX DO 2º LIVRO DO HERMAPHRODITUS DE ANTONIO BECCADELLI dito PANORMITA
Escrito e dedicado a Cosme de Florença cerca de 1410 (1ª ed. em 1791)

EPITAPHIUM NICHINAE FLANDRENSES, SCORTI EGREGII

Si steteris paulum, versus et legeris istos,
Haec gnoscet meretrix quae tumultatur huius.
Rapta fui e patria teneris pulchella sub annis,
Mota proci lacrymis, mota proci precibus,
Flandria me genuit, totum peregrinatus orbem,
Tandem me placidae continuae Senae.
Nomen erat, nomen notum, Nichina; lupanar
Incolui, fulgor florentis anus eram,
Pulchra decemque fui, redolens et mundier auro,
Membra fuere mihi candidiora nive.
Quae melior nec erat Senensi in florice Thais
Gooelit vibrata ulla movere nates.
Rapta viris tremula fugebam basia lingua,
Pont etiam coitus oacula multa dabam,
Lectus erat mihi et rivo centone referus,
Tergebat nervos officiosa manus.
Pelves erat cellae in medio, qua saepe lavabam,
Lambebat madidum blanda catella foveam.
Nox erat, et juvenem me sollicitante caterva
Substitui centum non satiatas vices.
Dulcis, amosa fui, multis mea facta placebant,
Sed praeter pretium nil mihi dulce fuit.

LÁPIDE TUMULAR DE NICHINA DE FLANDRES, PRECLARO COIRÃO

*Devem-te um pouco a ler os versos que al estão
E saberás que este é o túmulo dumo poeta:
Menina e moça, ainda em terra idale,
Rogou e lágrimas do meu amigo me arrebataram para longas terras: *
Na Flandria vim ao mundo, o mundo correu ambos,
E por fim a esta placida Siena vim ter.
Nichina, nome tão fãcido, tão famoso: tinha o domicílio
No bordel, e eu era o máximo, era a estrela fulgurante.
Sempre linda e aérea, limpa e rescedente.
Pernas e braços mais brancos que a neve. **
Nunca o bordel de Siena teve uma Thais
Hábil como eu em rebolar as nádegas.
Metia na boca dos homens a língua titilante
E depois do fim ainda os bejocava com muitos miminhos.
Na cama não faltava roupa fofinha e imaculada.
Eu limpava-lhes o corpo com a solícito jeito.
No meio do quarto a bacu, em que me lavava a moída;
A minha doce cadeirinha lambia as pizus ainda trêmidas.
Al era moça quando revoada de jovens me visitavam:
Eu abria as pernas com veze, e não me faltava.
Sempre meiga e bem disposta, fui o encanto de tantos.
Mas o meu encanto maior eram os florões a fazer telim.*



Tradução: Alberto Pimenta

- * Qualquer semelhança com o poeta Bernardim Ribeiro é mera coincidência.
- ** A referência só às pernas e braços dá a perceber que Nichina atendia de lingerie.

viagem a Coronis

chega o inverno
aves que fogem
de que fogem
nas colinas pedregosas
casas que ficam
até quando ficam
abarrota os celeiros
nuvens que vão
donde vêm
os campos esperam
árvores que crescem
por que não chegam nunca
apressa-se
rio que corre
por que não pára
e isto
que vem nos meus olhos
por que não vem comigo
e aquilo
que vem comigo
por que não vem nos meus olhos

AP

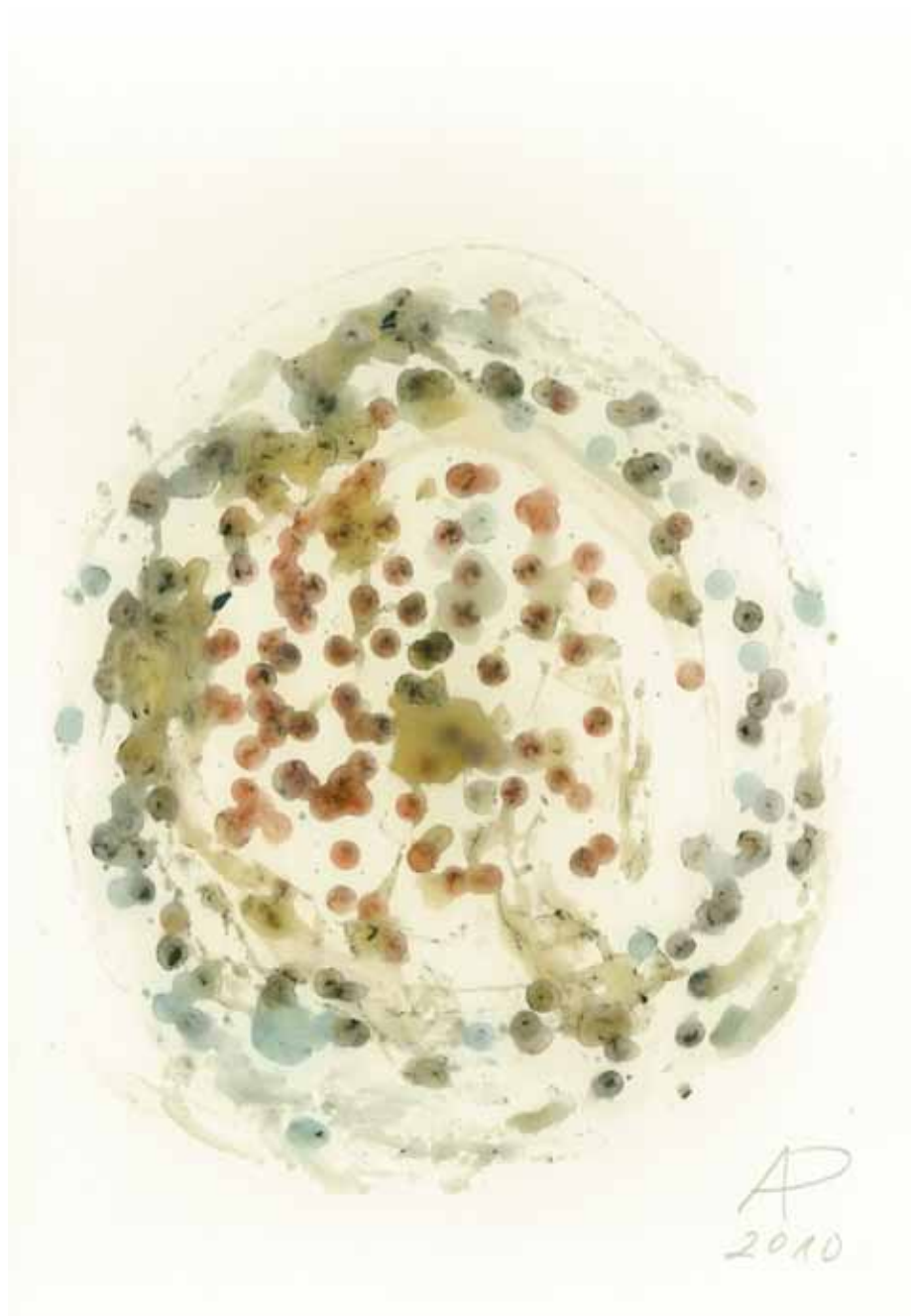
provocação

o menor movimento provocava
cansaço e suor o termómetro
em movimento provocava can-
saço e suor o termómetro mar-
cava mais de cinqüenta graus
por isso o menor movimento pr-
ovocava cansaço e suor e aden-
do movimento provocava cansa-
ço e suor e a densidade de hum-
idade na atmosfera ultrapasa-
va os noventa por cento por
isso o menor movimento provo-
cava cansaço e suor e um estado
de tensão insuportável o pi-
or por é mera que o menor movi-
mento provocava cansaço e suor
e um estado de tensão insupo-
rtável pelo que o menor movi-
mento provocava cansaço e suor
e movimento provocava cansa-
ço e suor o pior por é mera a ten-
são insuportável que o menor

provocação, poema de 1970 ("O Labirintodonte"), com intervenções de pingos de cera, 32x22 cm,
2010 - ALP220



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALP217



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB127



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB011



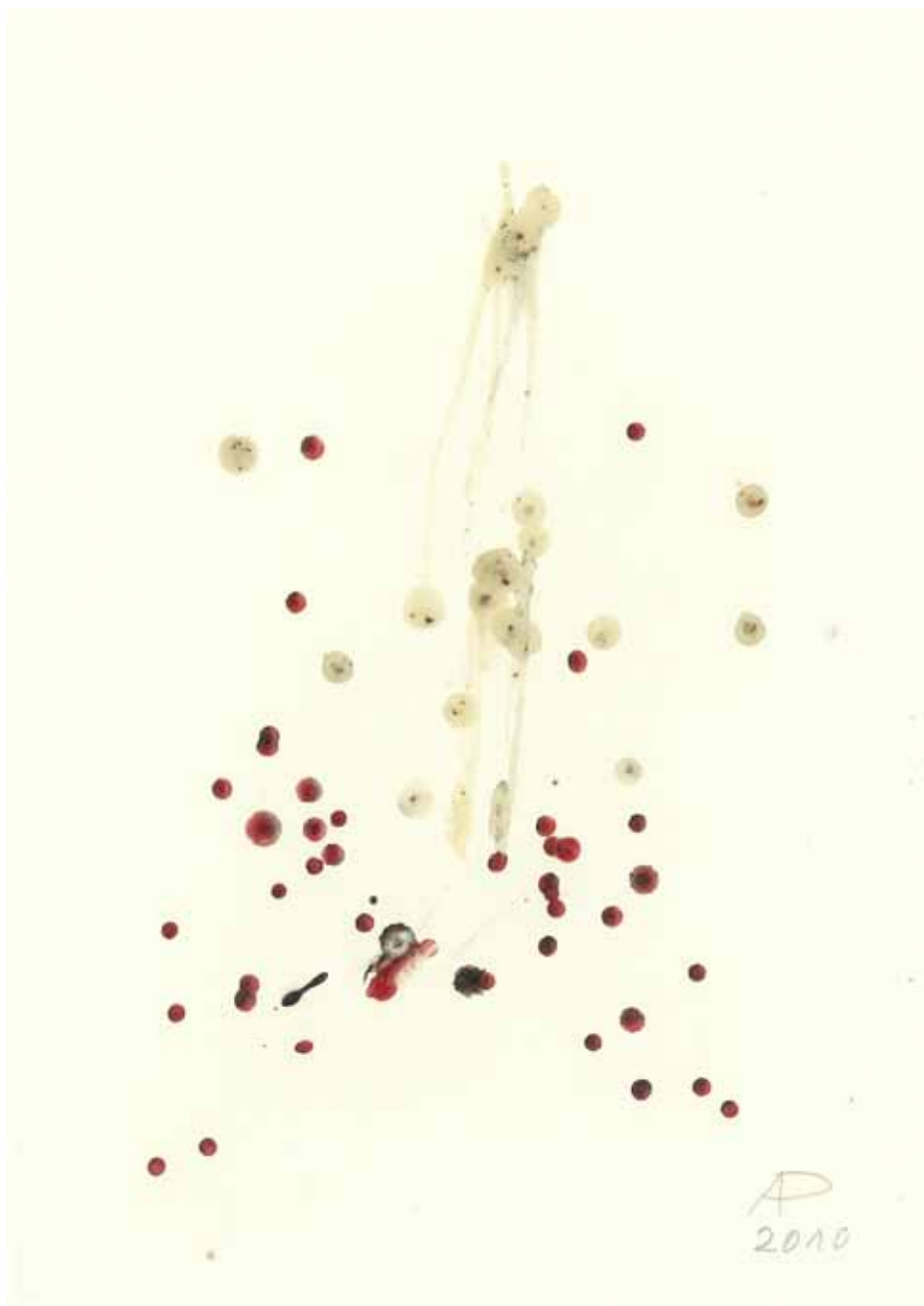
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB019



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB022



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB067



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALP218



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB143



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB150



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB161



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB168



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB165



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB110



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB113



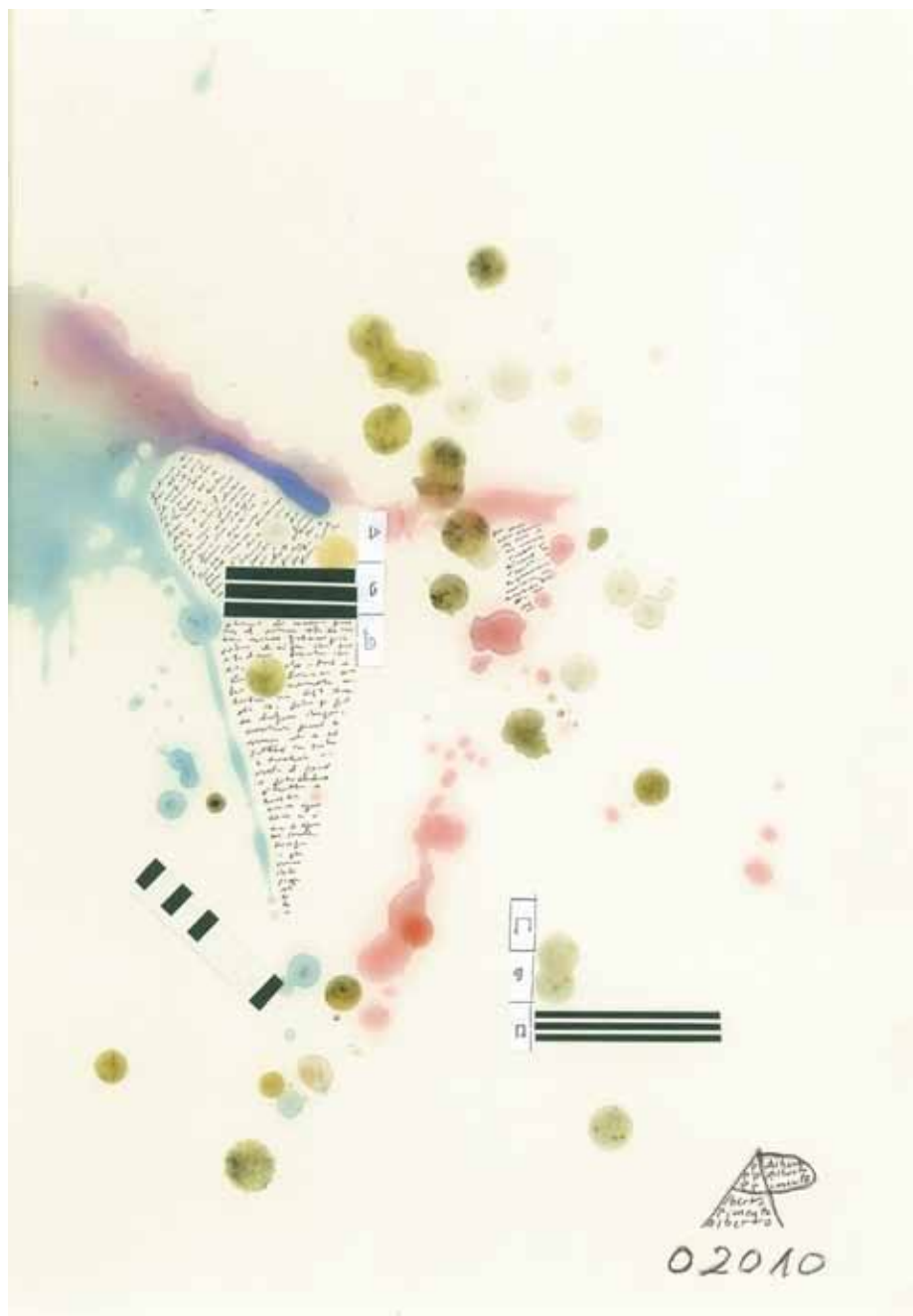
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB111



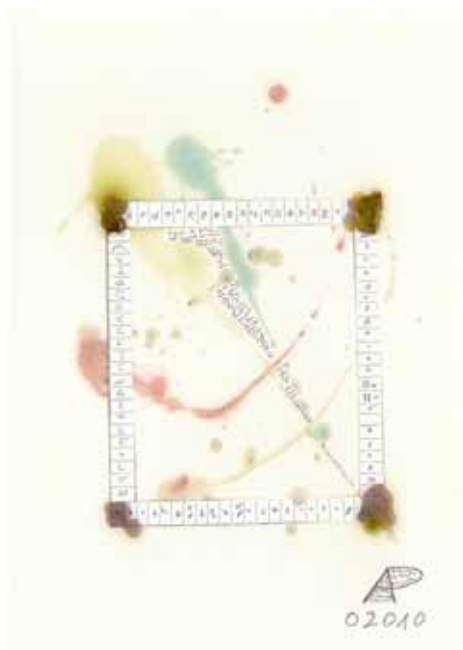
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB115



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB109



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB116



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB191



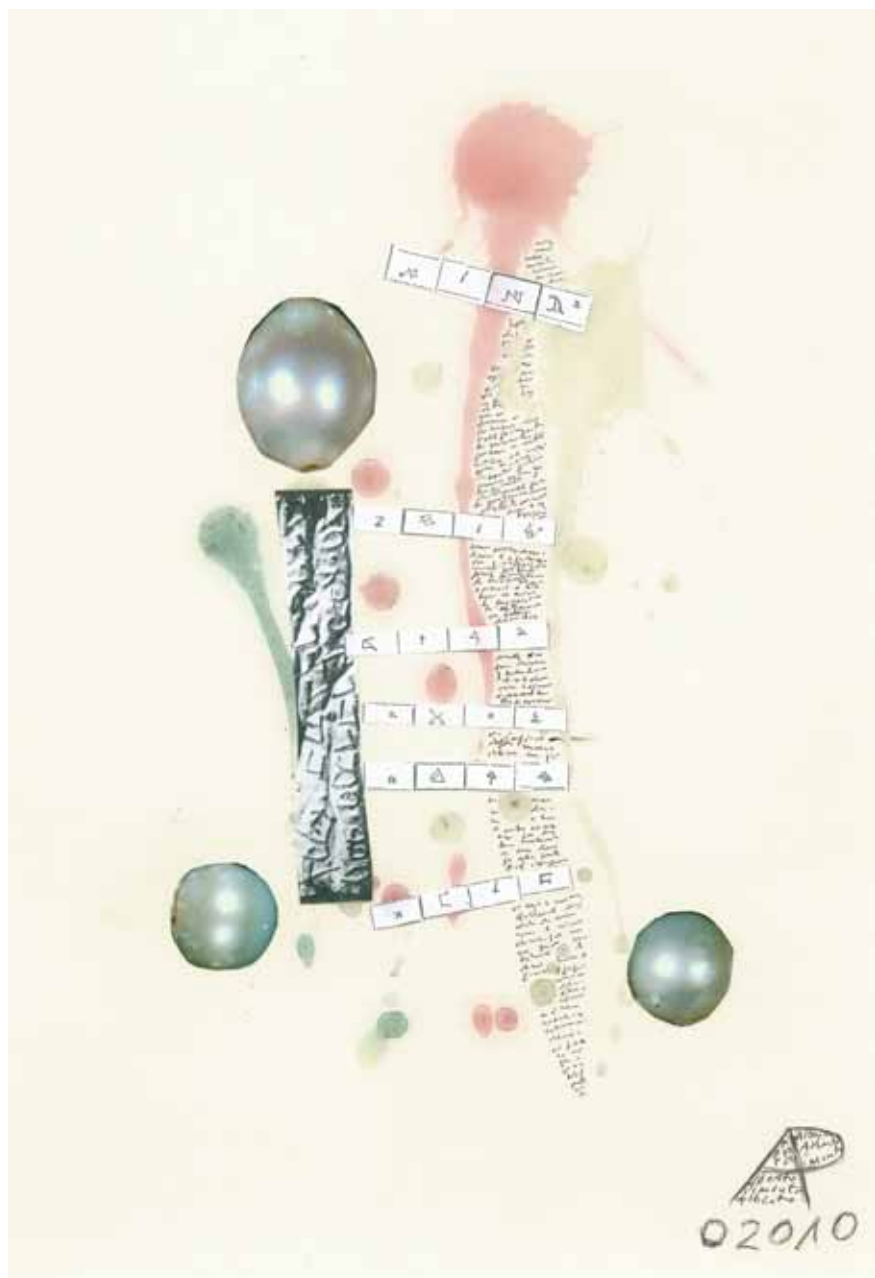
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB176



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB190



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB177



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB114



"Registo de Viver" - Livro artístico com 61 páginas. Edição do poema homónimo em 200 exemplares numerados e assinados pelo autor. Inclui um filme em suporte DVD com a leitura performativa do poema realizada por Alberto Pimenta com intervenção musical da soprano Manuela Moniz, e uma serigrafia.

Este poema, que se desenrola na ilha que fica por baixo de uma auto-estrada de acesso a Miami, para onde foram proscritos vários condenados por delitos "sexuais", é dedicado a Roman Polanski.



Imagens do performance video "Registo de Viver" com a soprano Manuela Moniz, presente no DVD

A photograph of a museum gallery. Large historical documents, including a map and various text-based documents, are displayed on the wall. The room has a curved ceiling with recessed lighting and a curved wall. A small display case is visible on the left wall.



Enquanto artista plástico e pensador, integrou em 2010 o 555 - Ciclo Gutenberg organizado pelo Colectivo Multimédia Perve no momento em que passavam 555 anos sobre o lançamento da primeira impressão da Bíblia por Gutenberg, inaugurando então, na sessão “Registo de Viver”, uma densa reflexão sobre o papel revolucionário da impressão na humanidade e sobre a mudança de paradigma a que se assiste numa atualidade esmagada pela utilização massificada das tecnologias digitais, onde o livro-objeto adquire um crescente estatuto de objeto-arte.

... A VIDA E A OBRA... a vida e a obra são uma espécie de enigma... posto pela esfinge que coube a cada um: vai-se vivendo e o enigma vai-se revelando!

...um novo com um fio de várias cores: vai-se desdobrando... e elas aparecem: cada cor é uma surpresa – mas já estava lá – a propósito dum soneto de Camões que transformei noutra, letra a letra... recombinando-as, observei na ocasião que quem casa segunda vez... não sabia quando casou a primeira – mas já estava lá – como o soneto transformado estava lá no primeiro, a obra está lá desde o início da vida... obra de arte ou outra qualquer, começa-se sempre com um modelo... como se começa a falar com as palavras que já há... mas depois tantas maneiras de lhes dar forma própria... que é a própria forma de cada um.



porque aos 14 anos... há uns que imitam heróis... outros imitam textos... está lá tudo desde o início, heróis e textos que se transformam de acordo com o tempo que os imita... tudo muito idílico primeiro... os colegas dizem: não foste tu que fizeste, quer dizer que reconheciam outra voz... e assim se é levado a criar uma forma cada vez mais própria... e então quando saí de Portugal...

já com 23 anos... (ou ainda) e a forma poética estava a começar a ganhar forma ... o fio do novo mudou de cor... cores que radicalmente não combinavam... nada combinava...o choque foi de línguas, cada uma com a sua realidade própria... e então comecei a pintar: vida resolvida em obra ou vice-versa... e participei numa exposição colectiva...

2



e foi apreciado... e continuei 4 ou 5 anos... mas depois voltei à poesia... conheci alguns poetas concretos alemães, não os mais notáveis, isso foi depois... essa poesia unia palavra e imagem... entrelaçava-as... o novo engrossava... o fio mais grosso: era aliciante... mas depois...

perto de 1970 (talvez 66/67 até 74/75 ... a vida invisível que vai vivendo oculta dentro de nós tornou-me visível... na cidade em que eu vivia – Heidelberg – ficava o hospital alemão especializado em próteses para ferimentos de guerra... iam muitos portugueses para lá... vi muitos... falei com muitos... visitava-os... cegos, sem braços, sem pernas... e escrevi de novo em estilo depurado pelas várias experiências estéticas,

sobre guerra e mutilações e morte... os primeiros livros de poesia são isso, guerra e mutilações e morte, os poemas estão aí... mas os soldados... onde os meteram?...um deles tinha sido carpinteiro de caixões ... tinha ficado cego e sem braços... e contava histórias das burlas que se faziam com a madeira utilizada... e

3



ria muito... e isso arrepiava... a vida corria muito suja para dentro... e depois para fora, e nessa altura eu já era refugiado e sem papéis... embora continuasse a dar aulas ... a universidade tinha-me contratado, tinha o seu orgulho, resistiu a várias pressões portuguesas ...e criou-se em mim a pouco e pouco a ideia do Homo Sapiens – o homem na jaula, sempre sempre... qualquer jaula... e quanto mais sapiens mais elaborada a jaula...

mas na Alemanha não era possível fazê-lo – primeiro não teria autorização... nas grandes cidades dos zcos, depois... teria a interpretação do emigrante... sempre as interpretações a definir obra e vida... sempre sempre... sempre o cânone, a norma... a razão que alguém ou todos encontram para o que eles não fariam ... e parece-lhes boa, é claro, e passa a ser óbvia... a sobrepor-se à razão nunca óbvia, mas interrogativa, do autor... ao seu desdobramento da vida... o homem dentro da jaula... numa jaula qualquer... é o resumo de tudo...

4



a sùmula de vida e obra... qualquer vida e qualquer obra, porque a obra é também uma jaula com a vida dentro... e vice-versa... jaulas quase sempre impostas, mas também auto-escolhidas...

chama-se PERFORMANCE: é apenas um poema que não pode ser dito por palavras... tem de ser escrito com o corpo... escrevi muitos assim... arrisquei muito... num deles quase me matava... a lesão ficou... não é de lesão que se trata sempre? ... o Homo Venalis (o "homem vende-se") não é

a realidade absoluta de hoje? ... a realidade feita limpeza de tudo... LIMPO era o termo para designar a pureza do sangue... em Portugal até ao século XVIII ... judeus... limpo de sangue não cristão!... em



5

toda a parte há os limpos e os sujos... os pobres são sujos...a pobreza é uma sujidade... também de alma: um castigo divino... os calvinistas e os luteranos sabem disso como ninguém ... e embora tudo esteja encoberto e disfarçado por ostentações várias, rituais familiares e sociais... cada nação tem os seus... daí a Arte de Ser Português... programa de televisão e título que me foram propostos por Jorge Listopad, o realizador... também não totalmente limpo, um estrangeiro ele, e eu um estrangeirado... nessa condição recebemos ambos ameaças... quem diria depois numa revolução que afinal – estava-se a ver – não foi de ideias, foi de flores!?...

voltar como eu voltei... com um convite aliciante que se fez desconvite depois de eu ter feito o Homo Sapiens... um futuro professor da Faculdade de Letras da mui nobre e sempre leal cidade ... não pode meter-se numa jaula de macacos... claro a razão invocada foi outra, foi a mudança curricular... as razões invocadas não passam nunca dum disfarce da armadilha... os despedimentos são só flexibilização, pelo menos aqui nesta terra... mas não



só... foi só mais um pequeno tropeção que me inspirou o Discurso Sobre o Filho-da-puta, publicado no fim desse ano: a obra é feita dos tropeções que magoam... ou então é pura retórica... um tropeção ... a cara vai ficando transformada... valeu-me para sair do buraco um acolhimento sentimental, não retórico: vale sempre até novo tropeção... nódoas de todas as cores... nódoas visíveis e invisíveis...

uma tradição deste país ... armadilhas cobertas de ramos verdes... a disfarçar... como Nuno Álvares fez na espera aos espanhóis... como na caça a animais maiores... claro que o mundo é um lugar de caça todo ele... mas cada lugar tem o seu modo próprio... disto tudo tenho falado por palavras e obras, desde a primeira até à última...

e disto fala também o tal livro já pronto – muito muito trivial no assunto e muito muito muito elaborado na forma... enfim, o possível ou o necessário para tornar poética esta banalidade – e o livro está a ser feito com carinhosos cuidados gráficos. e sabe-me bem um mimo assim, depois de tantos coices...



mimos têm-me vindo sobretudo do Brasil, que não conheço... conheço poetas... aquele cego que teve glaucoma e criou para si o nome Glauco Mattoso (o glaucoma veio só para a grandeza poética do nome), ou Pádua Fernandes, o poeta campeão dos direitos humanos, ou João Silvério Trevisan (Em nome do Desejo) – infinito poema em prosa – porque em nome do desejo se vive ... os desejos é que são diferentes... desejos eternos de caçar... ou desejos só de não ser acossado... e esse é o desejo poético... não para ganhar a vida... talvez para a perder... Shakespeare talvez nem seja Shakespeare... Homero era cego mas não se sabe se existiu... Ovídio foi desterrado nas



se sabe porquê... Ezra Pound preso numa jaula pública pela sua liberal pátria americana... e Camões tem uma praça com o seu nome nesta capital da República, e na placa explica-se entre parênteses poeta ... portanto poeta entre parênteses... não entre parentes! ... isso não há... há concorrentes... a quê? ... não percebi ainda...

talvez por não ter percebido interrogio sempre... interrogio... tudo o que faço... obra poética ou estética... ou vida... é uma interrogação contínua... uma única vez recebi resposta... e sem a ter pedido... estava a participar naquela mixórdia chamada "Noite da má-língua"... vinha na Avenida Berna... lugar onde muitos anos dei aulas (ensinei a duvidar por certa ordem)... vinha pouco depois do fim do muro do jardim da Gulbenkian... e um carro vindo na mesma direcção... travou junto de mim... e a senhora que ia ao volante, que eu não conhecia...



programa não é para si" e, ante o meu pasmo e com certeza os meus olhos... acrescentou, já estava a reiniciar o arranque: "eu sou a mulher do Eldoro". e arrancou. eu nem no dia seguinte a teria reconhecido... tão rápido tudo... era então a mulher do maestro Fernando Eldoro... fiquei um pedaço muito atônito, e saí mesmo da mixórdia.

é possível... é evidente que o que eu faço provoca interrogações: eco das minhas próprias. "Que é isto?" mas ninguém pergunta isso perante a vida. "Que é isto?" só tenta tirar o melhor partido ou a melhor parte da partida de caça onde entrou, porque assim aceitou ou escolheu.

estes pingos de cera... pingos de cera...podiam ser de azeite a ferver – formas de tortura – falei quase sempre disso, sem lágrimas... os momentos bons no meu registo de viver foram as pausas entre os pingos a queimar a pele! diante por exemplo de lugares sem palavras nem ideias feitas... portanto



Obrigado, Senhor, finalmente puseste-me na linha...
No dia da Comunhão Solene
(7 de Dezembro de 2008)

sem pessoas...aqueles momentos depois de passar fronteiras de qualquer espécie... uma viagem nocturna de comboio com a pessoa que vai connosco a dormir no beliche de cima... ficar a olhar pela janela e esperar que não termine nunca...

Alberto Pimenta - Janeiro de 2014



1 Em 1958, no papel de diabo (de pé) da cena de "Todo-o-Mundo e Ninguém" (gil Vicente), num espectáculo do TEVC.

2 Na Alemanha, a jantar em casa, em 1973.

3 Em 1979, pouco depois do regresso a Portugal.

4 1982: "a minha casa é aquela, Sr. Cônsul, não tenha medo.

5 Conferência numa sala gelada em Setúbal (1988): "A assistência ideal"

6 No tempo da Milanopoesia(aqui na de 1989).

7 Com José Angel Cilleruelo e Angel Campos Pámpano nos mictórios da Gulbenkian, celebrando qualquer evento, em 1992.

8 Uma conferência no Porto, em 1995.

9 Com Carlos Leone, numa ponte da Ria de Aveiro em 2003, antes dum colóquio.

10 Com Adelina Novais, antes duma leitura de poesia, em 2004.

11 No Porto, foto de César Figueiredo.

12 "Reality Show" (o livro que é acompanhado da voz de Ana Deus) posto em 2011 no seu lugar próprio (crateras) por Eduardo Jorge Madureira.





Performance "Homo Sapiens" no Jardim Zoológico de Lisboa, 1977. Foto Jacques Minassian.



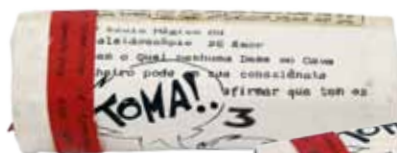
Performance "Homo Venalis" Chiado, Lisboa, 1991



Performance "Vier -Elemente Poesie", a preparação segundo o poema "Hälfte des Lebens" de Hölderlin, Nuremberg 1989, foto de Kurt Pallus



Performance "Vier -Elemente Poesie", a água incandescente, Nuremberg 1989, foto de Kurt Pallus



TOMA
Obra Colectiva
(revista, fan-zines, objects 1980-83)

Aquiles e a Tartaruga, objecto
escultórico, 24x24x14 cm n.d.
ALP199



Lição de Amor, objecto trouvés, dimensões
variáveis, 1999 - ALP237



As duas perspectivas de Gala Diakonov, objecto
trouvés, dimensões variáveis, n.d - ALP238



O divino travesti, objecto trouvés,
dimensões variáveis, 1982 - ALP236



Performance "Auto da Fé", Évora, 1985



Performance "Passagens", o antes e o depois do descerrar da estátua, Teatro Municipal da Guarda, 2006



"Arte de ser português" programa de televisão da autoria de Alberto Pimenta, realizado por Jorge Listopad, 1978



"Discurso sobre o filho-da-puta"
diferentes edições nacionais e estrangeiras



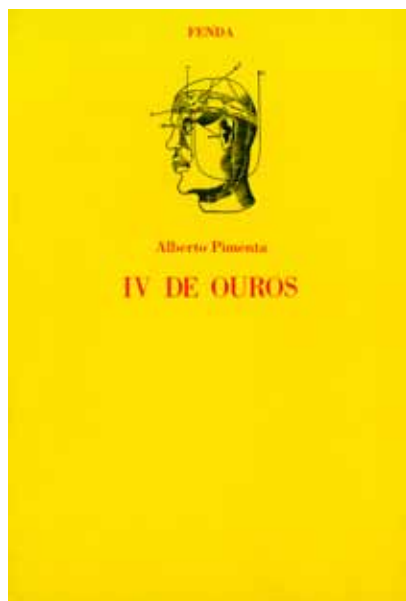
"O Juízo de Deus", edição de autor



"verdictungen", edition splitter

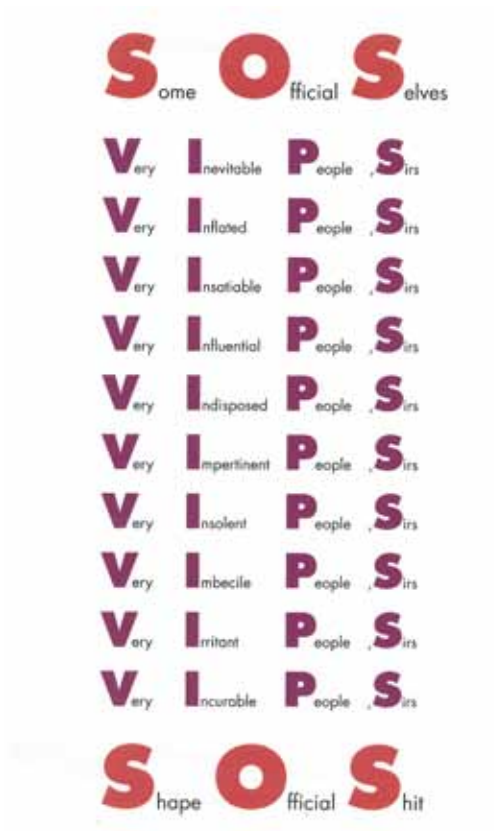


"metamorfose do vídeo", José Ribeiro, editor

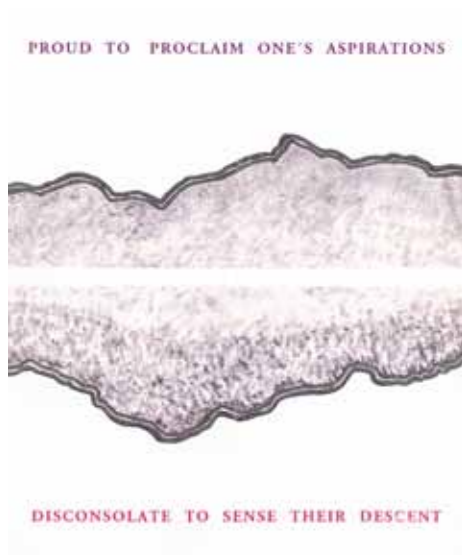


"IV de ouros", Fenda

2 Obras que foram apresentadas no evento "Markers" - an Outdoor Banner Event of Artists and Poets for Venice Biennale 2001. O artista convidado por Alberto Pimenta foi José-Miguel Ullán.



Alberto Pimenta



José-Miguel Ullán

[illegible]

"este" no meio
e sabe que vai
morrer"

A₂₀₁₄

41

PROBLEMÁTICA DA DIFICULDADE

Para o Alberto Pimenta

está difícil. está muito difícil.
está mesmo muito difícil. es
tá realmente mesmo muito
difícil. não há dúvida que est
á realmente mesmo muito di
fícil.

está difícil. está muito difícil.
está muito mais difícil, está
mesmo muito mais difícil. es
tá realmente mesmo muito
mais difícil. não há dúvida
que está realmente mesmo
muito mais difícil.

está difícil. está muito difícil.
está ainda mais difícil. está
ainda muito mais difícil. está
mesmo ainda muito mais difi
cil. está realmente mesmo ai
nda muito mais difícil. Não
há dúvida que está real men
te mesmo ainda muito mais
difícil.

está difícil. está muito difícil.
está cada vez mais difícil.
está cada vez ainda muito
mais difícil. está mesmo
cada vez ainda muito mais
difícil. Está realmente mes
mo cada vez ainda muito
mais difícil. não há dúvida
que está realmente mesmo
cada vez ainda muito mais
difícil.

para quem julga que estou
a exagerar, não digo apenas
que não há dúvida que está
realmente mesmo cada
vez ainda muito mais difícil.
nem que está difícilíssimo. está
difícilíssimo !

Fernando Aguiar

Uma insuspeita metástase

Nunca tive grande angústia da influência com o Alberto, em parte por trabalharmos de lados diferentes do muro, ele mais dentro da linguagem, eu com um pé dentro e outro fora; em parte porque receá-la (à influência) seria menorizar tanto o poeta como o seu amigo prosador. «Rui, tu és o mais clássico dos modernos e eu o mais moderno dos clássicos», brincou até uma vez o Alberto. «Aquashow» faz dois anos que foi publicado no mensário *Le Monde Diplomatique*. Nada a dizer: o conto nasceu como ideia de peça quando, num quente dia de todos os mortos, em 2001, estava com a minha amiga Luisa Jacobetty e uma garrafa de vinho branco num bar de praia da Caparica. Sabia-se que vinha aí trovoada humana, passados três meses sobre o 11 de Setembro e estando no ano zero do milénio. Lembro-me de ter dito à Luisa: «Parecemos espectadores aguardando o início do fogo-de-artifício. O problema é se algum avião se engana e levamos com fogo amigo.» A peça era esta, e era fácil de executar – simplesmente foram passando os anos e, de tão fácil que seria escrevê-la, esqueci-me de a escrever. Por fim, passada uma década lá virou conto, cujos primos, para mim óbvios, eram Beckett, Ionesco, Pinter. Só que agora achei interessante desdobrar a prosa em verso, para um livro a lançar em breve, por acaso com um título que também já me parece algo pimentiano: *A metametamorfose e outras fermosas morfoses*. E., dei comigo a sentir que já tinha aquela melodia a dançar na cabeça. Não foi difícil descobrir a fonte: era a minha memória de *A visita do papa* (1982). Digo a minha memória do texto – e não o texto – porque é a memória que trabalha, ou seja, em nada o texto real é responsável judicialmente pelas eventuais tangências, que eu próprio não sei se reais ou imaginárias. Aqui ficam, lado a lado, o original e a involuntária versão:

Mas
Quando o papa chegar,

Sim
Quando o papa chegar,

Todos vão querer interromper
O que estão a fazer,
Todos querem ver o papa

*Com o que Bernardo não contava
era que o concessionário
(chamem-lhe parvo)
fosse cada vez mais
aproximando as cadeiras
umas das outras
à medida que mais e mais
e mais clientes chegavam
ávidos de espectáculo*



Ficha Técnica

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual

Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

direcção financeira e de produção

Nuno Espinho

produção, comunicação e web

Graça Rodrigues

desenvolvimento e execução gráfica

Carlos Santos

direcção artística

Colectivo Multimédia Perve

Impressão e Copyright

Perve Global - Lda.

ISBN: 978-989-98728-2-0

Perve Galeria - Alfama

Rua das Escolas Gerais n.º 17 e 19, 1100-218 Lisboa

Casa da liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais n.º 13, 1100-218 Lisboa
tel. 218822607/8 | tm. 912521450

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu

Parqueamento automóvel: Portas do Sol

Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de S. Vicente de Fora; Largo da Feira da Ladra [excepto 3.ª feira e Sábado].

Apoio - catering

Apoio



Perve
Galeria



Alfama

CT-34 | Janeiro de 2014

Edição © Perve Global - Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.